



**Franco, J.E. e Calafate, P. (dirs.). (2013-2015). *A obra completa do Padre António Vieira*. Círculo de Leitores. Lisboa. 30 vols.**

MÁRIO GARCIA<sup>1</sup>

«O Padre António Vieira é o maior escritor português». Esta afirmação, ouvi-a da boca de José Saramago, em Braga, na Casa dos Crivos, antes, alguns anos antes, do Prémio Nobel. Nessa mesma ocasião, ao referir-se aos seus livros, preferiu, entre todos, *O ano da morte de Ricardo Reis*. Duas declarações que considero significativas.

A primeira, sublinhada, se bem me lembro, pelo desejo que Saramago exprimiu de algum dia escrever a vida do Padre António Vieira. A segunda, justificada pela explicação que transcrevo das palavras dele, que cito de memória:

Como poderia conciliar a profunda admiração por um poeta, cuja posição ideológica se coloca nos antípodas da minha? Este dilema obrigava-me a uma eleição existencial. Resolvi, com base no facto de Fernando Pessoa não ter deixado qualquer indicação sobre o passamento deste seu heterónimo, inventar-lhe o tempo e o modo da morte, para dele me libertar.

Faz-me refletir a sinceridade destes dois axiomas, com os quais inteiramente concordo: o Padre António Vieira é, de facto, o maior escritor português, e *O ano da morte de Ricardo*

<sup>1</sup> Universidade Católica Portuguesa.

*Reis* continua a ser, segundo a minha opinião, o melhor livro de Saramago.

«O maior escritor», porém, é o que escreve melhor ou o que defende, com os seus escritos, as melhores causas morais? O Padre António Vieira foi um homem profundamente engajado nas questões candentes da justiça, da liberdade e da verdade, que defendeu com valentia e denodo insuperáveis e, ao mesmo tempo, não escondeu o seu fascínio pela beleza da propriedade vocabular, da poesia da frase, da maravilha da ideia original, do espanto diante do mundo. Sabia e saboreava, como ninguém, o quilate do seu génio, algumas vezes com volúpia e legítima vaidade, mas sempre com ironia e, sobretudo, autoironia. Mas não viveu para a escrita. Não fez dela a finalidade da sua Obra.

Como disse o Padre João Mendes, Vieira foi «um pregador ocasional». Não dividido entre a arte e a vida, nunca pôs em causa a síntese superior convergente que unificava tudo quanto fazia, a saber, a sua fé cristã e a sua missão evangelizadora, que deixou expressa na incompleta *Clavis prophetarum, de regno Christi in terris consummato* (*A chave dos profetas, do reino de Cristo consumado na Terra*), «os palácios altíssimos», em comparação com as «choupanas», que seriam, para ele, os *Sermões*.

Talvez José Saramago admirasse Vieira, de modo especial por causa disto, isto é, o facto de o jesuíta colocar sempre, em primeiro

lugar, um interesse superior: o Reino de Cristo! Havia nestes dois escritores, *mutatis mutandis*, uma «ideia motriz» que prevaleceu sempre: quando a vida ameaçava desmoroná-los, a arte tornava-se mais visionariamente possível. Dir-se-ia que o sonho acordado e vigilante, a utopia que, para Vieira, na realidade objetiva da sua fé, constituía um lugar indiscutível, era, para ambos os escritores, uma crença que ultrapassava o sentido da escrita. O mesmo aconteceu, por exemplo, com Fernando Pessoa.

Acabei o «exórdio» que algum «sermão» haveria de tentar provar: nos *Grandes, Mulheres e Homens*, a vida e a obra são indissolúveis. Mas como para os mortais comuns a tendência é separar e dividir, o Padre António Vieira tenha sido mais admirado do que amado, mais atacado do que defendido; e, na obra literária, mais conhecido do que lido, mais explicado do que compreendido.

Bastaria referir o juízo desfavorável, «iluminista», de Luís António Verney sobre a retórica barroca, nas cartas v e vi de *O verdadeiro método de estudar* (1746), para marcar o início da incompreensão do génio literário de Vieira; ou a propaganda antijesuítica do marquês de Pombal, a *Dedução cronológica e analítica* (1767), do seu fâmulos José de Seabra da Silva, para o desenho de um retrato injusto do Grande Missionário.

Assim, a obra começou a ser considerada inferior à de outros escritores «clássicos», nomeadamente, o Padre Manuel Bernardes ou Frei Luís de Sousa; e a vida, uma subserviência ao poder político, religioso, obscurantista. Encontramos os lugares-comuns desta mentalidade em personalidades de grande craveira e influência social como, por exemplo, Antero de Quental e, em geral, na Geração de 70 do século XIX. Será escusado recordar, penso, a força mítica do anticlericalismo primário, em que a figura do Padre António Vieira atinge, por vezes, o topo da caricatura.

Mas nem tudo são sombras. Alguns — poucos! — leram bem Vieira; outros, referiram-se-lhe com simpatia. Cito D. Francisco Manuel de Melo, Garrett, Camilo, Machado de Assis, Eça de Queirós (mais pela calada), Teixeira de Pascoaes, Fernando Pessoa, João Guimarães Rosa... E porquê? Pela conaturalidade literária, a palavra, a alegria da escrita, a criação da linguagem, a novidade da língua...

Foi preciso esperar pelo último quartel do século XX para que uma tese universitária, finalmente, nos desse a ler, na verdade, a Obra do «maior escritor português». Refiro-me a

Margarida Vieira Mendes e à sua ainda inultrapassável *A oratória barroca de Vieira* (1989). Refiro-me ao magistral Colóquio Internacional Vieira Escritor, organizado por ela (1997), na sua extrema doença. Refiro-me ao congresso internacional, comemorativo do terceiro centenário da morte do Pregador, em 1997. Refiro-me, agora, ao fascínio que origina a leitura surpreendente de um sermão completo, não reduzido a excertos ou florilégios devotos. Refiro-me à revelação, ainda incipiente, da *Chave dos profetas* e à fundamentação, daí resultante, da compreensão orgânica, unitária e coerente de uma das mais deslumbrantes maravilhas da literatura universal.

Saborear, com vagar e repouso, a língua portuguesa, a nossa «mátria», criada e recriada pelo génio e pela arte de Vieira, que resiste a modas e paradigmas utilitaristas, que nasce, como a música de Bach, do mais profundo da nossa maneira de ser, humanos com pátria e lugar bem situados. Ler Vieira, sem preconceitos nem sobressaltos ideológicos, é um prazer incomparável: a beleza que se dá aos sentidos, à inteligência, à vontade, para dizer bem, dizer o bem e fazê-lo cada vez melhor!